

Presidência do Senado é novo sonho de Sarney

Tarcísio Holanda

O senador José Sarney sonha em ser candidato suprapartidário a presidente do Senado, mas ainda terá que vencer muitos obstáculos, a começar pela variedade de aspirantes em seu próprio partido, o PMDB, além do natural interesse do Governo em garantir a escolha do sucessor do senador Mauro Benevides.

Os governistas pretendem intensificar as articulações necessárias para formalizar seu bloco no Senado, em posição majoritária. Neste caso, desponta como candidato natural o senador pernambucano Marco Maciel, o líder do Governo naquela Casa, que procura se aproximar, cada vez mais, do Presidente da República.

Luta surda — O PMDB continua alimentando a esperança de eleger o futuro presidente do Senado, contando, isoladamente, com a maior bancada da Casa, ou seja, 27 senadores. Além de Sarney, são aspirantes a candidatos a presidente os gaúchos Pedro Simon e José Fogaça, o mineiro Ronan Tito, que conta com o apoio de Nelson Carneiro, e o paraibano Humberto Lucena, atual líder da bancada e que deseja voltar à função.

Embora afirme que é muito

cedo para "falar disso", Lucena trabalha em silêncio dentro da bancada, procurando atrair o apoio da maioria para suas pretensões. O senador Pedro Simon procura a alternativa do discurso contra a corrupção.

No bloco governista lançou-se candidato oficialmente a presidente do Senado o senador maranhense Alexandre Costa (PFL), amigo e aliado do ex-presidente José Sarney. O que se comenta no Senado é que Alexandre será candidato se Sarney não tiver condições de viabilizar seu projeto de uma candidatura suprapartidária.

Passa por esse projeto a manobra de levar para o PMDB os dez deputados e um senador — o próprio Alexandre — do PFL para o PMDB. As negociações estiveram adiantadas, mas foram suspensas em face da resistência que movem alguns políticos do PMDB do Maranhão ao ingresso do grupo do ex-presidente da República. Renato Archer chegou a assumir a presidência do PMDB maranhense para resistir a esse intento.

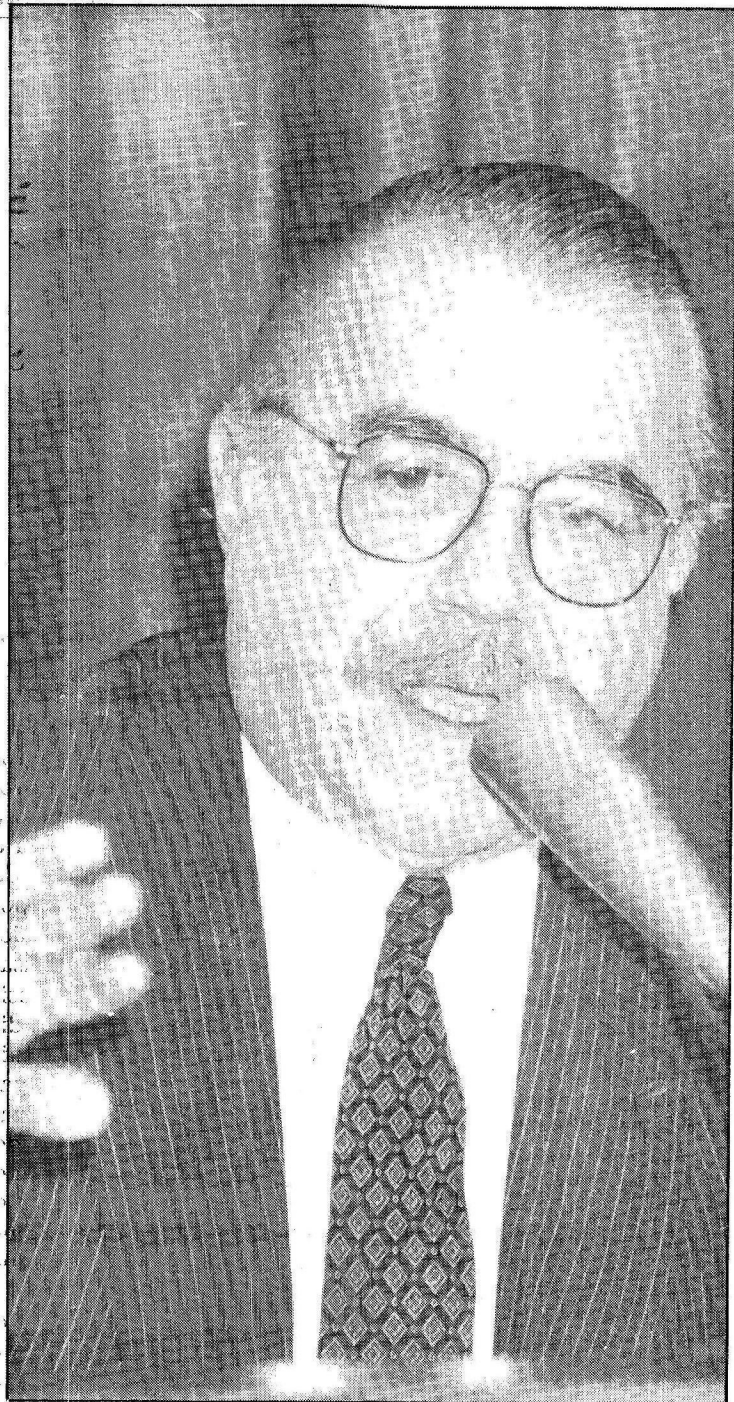
Existe, ainda, o problema do bloco governista, que Marco Maciel pretende formalizar na abertura da nova sessão legislativa. O bloco estaria em condições de assumir posição ma-

joritária — com 38 senadores, sendo 17 do PFL, oito do PTB, cinco do PRN, quatro do PDC e quatro do PSD. "Em fevereiro, formalizaremos um bloco majoritário", promete o senador Ney Maranhão, líder do PRN no Senado.

"O PMDB continua detendo condição majoritária no Senado, com seus 27 senadores. Não me consta que o Governo tenha conseguido posição majoritária. Tudo isso, por hora, ainda é conversa. E a própria questão do bloco fazer o presidente do Senado é matéria a discutir", diz Lucena.

Se o bloco conseguir formalizar essa maioria no Senado, há as candidaturas de Alexandre Costa — que estaria apenas guardando o lugar para Sarney, sendo candidato mesmo caso este não se viabilize — de Guilherme Palmeiras (PFL-AL) e do senador Marco Maciel (PFL-PE), atual líder governista no Senado.

Maciel cultiva o velho sonho de presidir o Senado — e é considerado um profissional da política **fulltime**. Na eleição de 1991, seu plano foi atropelado pelo trabalho obstinado e paciente que o senador Mauro Benevides realizou, conseguindo minar as próprias bases do bloco governista, além de atrair para aliado o ministro Jarbas Passarinho e o líder do PRN, Ney Maranhão.



Sarney enfrenta resistências no PMDB do Maranhão